

## O psicanalista: um autorretrato difícil de fazer

---

Talvez este número não devesse ter sido produzido.

Esta afirmativa, uma óbvia provocação, carrega um convite para que o leitor nos acompanhe em uma reflexão. Uma revista científica, como a **TRIEB**, é produzida fundamentalmente com manuscritos submetidos espontaneamente pelos autores.

Neste número, porém, a dinâmica foi diferente. Divulgada a chamada para *O Psicanalista*, a equipe editorial não recebeu nem um trabalho. O prazo foi estendido, o que é comum acontecer e, mais uma vez, não chegou nada, sugerindo que o tema proposto talvez não tivesse despertado suficiente interesse.

Após publicar números que privilegiaram questões da atualidade – *Pandemia, Silêncio, Racismo, Testemunho* –, a proposta da **TRIEB** foi uma reflexão sobre o nosso ofício. A ideia era não apenas pensar a psicanálise, mas refletir sobre *O psicanalista*: o que o inquieta, por onde passa o seu desejo, que dificuldades encontra hoje para o exercício da psicanálise, como envelhece, como cultiva a capacidade de se manter em expansão, como transita entre a fidelidade e a traição aos ensinamentos dos pioneiros etc.

Mesmo sem trabalhos inscritos, tomou-se a decisão de seguir e enfrentar o desafio. Assim, diferentemente do que foi feito em todos os números anteriores, foi empreendido um trabalho ativo de curadoria, convidando-se autores para escrever sobre o tema.

Concluído *O Psicanalista*, e pensando sobre o seu processo de feitura, a questão que se colocou e que permanece sem resposta é: será que nós, os psicanalistas, evitamos o autorretrato?

No campo das artes, o autorretrato é uma forma de expressão presente já na Antiguidade, quiçá antes. Os primeiros autorretratos esculpidos em pedra são datados de 1365 a.C. e foram encontrados no Egito e na Grécia Antiga. Um dos primeiros autorretratos sobreviventes a que temos acesso é o chamado *Homem em um turbante vermelho*, de Jan Van Eyck (Séc. XIV).



*Homem em um turbante vermelho* – Jan Van Eyck (1433)

Durante a Renascença italiana, pintores evitavam os autorretratos, mas muitos deles inseriram a imagem de si mesmos em suas telas. Um famoso exemplo é Michelangelo, que usou seu próprio rosto em São Bartolomeu, no afresco d'*O juízo final* na Capela Sistina.



*O juízo final* – Michelangelo (1535-1541) / Detalhe de São Bartolomeu (autorretrato de Michelangelo) em *O juízo final*

Foi no Neoclassicismo (1600 a 1800) que os retratos de todos os tipos – famílias, nobres, amigos e, inclusive, o autorretrato – ganharam impulso. Razões para isso seriam a valorização do homem no sentido individualista, o poder comercial europeu, o patrocínio das artes visuais pela Igreja Católica, o início da pintura de cavalete e o uso generalizado de óleos. Destacou-se Rembrandt, que pintou mais de 40 autorretratos, usados tanto para treinar alunos, quanto para servir de base para personagens em seus trabalhos maiores.



Autorretratos de Rembrandt

Pode-se pensar que a produção de autorretratos tenha sido influenciada pelo refinamento na técnica para fabricação de espelhos que, apesar de existirem há milhares de anos de forma rudimentar, no século XIV ganharam qualidade e, posteriormente, sem o uso de mercúrio na fabricação, se popularizaram.

Antes disso, como se viam os artistas para poderem se retratar? Seria a partir de um outro que lhe servisse de espelho ou através da visão de sua imagem nas águas de um rio qualquer, como Narciso? E o que os levaria a se retratar? Talvez fosse a busca por algo de muito essencial no homem. Observar em si as diversas facetas presentes em tantos modelos, buscar em si mesmos os traços mais individuais e, a partir daí, reconhecer o que de mais universal houver no humano. Algo que nós, analistas, experienciamos na nossa carne.

Retomando a indagação inicial: haverá nos psicanalistas uma dificuldade para o autorretrato?

Talvez o analista se iluda ou resista a algo que ele já sabe: que, ao falar da sua clínica, e até mesmo de seu cabedal teórico, ao relatar seu trabalho com

pacientes, suas reflexões e sentimentos, estará, invariavelmente, relatando suas próprias paixões.

Em sua obra *As meninas*, Diego Velázquez (1656) retrata uma cena tão completa quanto enigmática e deixa sem resposta qualquer indagação que se possa fazer com respeito àquilo que nela representa.



*Las meninas* – Diego Velázquez (1656)

Na cena retratada, estão seus personagens: a pequena infanta com os cortesãos; as damas de companhia, animais e bufões; o próprio artista, com a sua tela da qual se vê apenas as costas; o espelho, que reflete o casal de monarcas posando como modelos, ou que reflete a tela com os monarcas já retratados. Ao lado do espelho, uma porta e um homem que, curioso ou hesitante, não sabe se entra na sala ou se abre uma porta e se retira.

Também estamos nós, os espectadores, presentes nos olhares de alguns personagens e do artista. Somos observadores e apreciadores da obra e, subitamente, percebemos que também somos vistos, que fazemos parte da cena. Ou, quem sabe, o autor tenha nos transformado em monarcas, como quem coloca em um lugar comum – e de protagonismo – tanto o observador quanto o modelo, sujeito e objeto que se mesclam e alternam.

Sobre essa obra, seus enigmas e as vicissitudes da representação, Foucault (1966/1999)<sup>1</sup> elaborou uma belíssima reflexão, no capítulo intitulado “Las Meninas”, em *As palavras e as coisas*:

Com efeito, ela intenta representar-se a si mesma em todos os seus elementos. Mas aí, por todas as partes um vazio essencial é imperiosamente indicado: o desaparecimento necessário daquilo que a funda — daquele a quem ela se assemelha e daquele a cujos olhos ela não passa de semelhança. Esse sujeito mesmo foi elidido. E livre, enfim, dessa relação que a acorrentava, a representação pode se dar como pura representação. (p. 32)

O desejo das editoras em abordar O psicanalista sob vários vértices encontrou nos autores e nas autoras presentes no número o reconhecimento da importância do tema.

Os entrevistados – Daniel Kupermann, Elias Mallet da Rocha Barros e Virginia Ungar – respondem, dentre outras, perguntas tão simples quanto complexas, tal como “o que faz de um psicanalista um psicanalista?”.

Na seção *Correspondência*, a troca epistolar se dá entre Fernanda Marinho e Mariano Horenstein, que conversam sobre a sobrevivência do ofício do psicanalista, a necessidade paradoxal de reinvenção e inserção no mundo e o respeito à tradição de Freud como crítico da cultura.

Bernard Chervet oferece uma reflexão sobre os caminhos da transmissão e da formação em psicanálise em *Formação psicanalítica com fim e sem fim. Transmissão, formação e falta*.

O artigo-ensaio-crônica de Celso Gutfreind, *Do velho contemporâneo ao psicanalista que eu sou hoje*, é fruto de uma autorreflexão a respeito de sua trajetória, referências e prática clínica. Um autêntico autorretrato, com tintas da contemporaneidade.

---

1. Foucault, M. (1999). *As palavras e as coisas* (8ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966).

“Ser, antes de tudo, é a condição fundante para praticar um ofício, realizar a vida, sustentar o mistério” nos diz Maria do Carmo Andrade Palhares em seu trabalho *Ser psicanalista: ofício, vida, mistério*. A autora destaca a perspectiva relacional da psicanálise e o valor da confiança como condições indispensáveis para que a experiência analítica seja vivida com autenticidade permitindo ao paciente ter a experiência íntima de existir.

Maria Regina Newlands Trotto apresenta o caso clínico de uma paciente terminal, mostrando como o atendimento psicológico pôde ajudá-la a lidar com a angústia da morte e, principalmente, a viver.

Embora cativa, Albertine não se deixa nunca aprisionar. Tiago Mussi utiliza a literatura de Proust em *À procura de Albertine*, trabalho em que poeticamente discorre sobre a busca do objeto da escrita por aquele a quem chama de psicanalista-escritor.

Através de um criativo depoimento escrito entre um voo e outro, Marion Minerbo compartilha a sua rica bagagem psicanalítica para além do *setting* e da atuação do psicanalista tradicionalmente concebidos, apresentando outras possibilidades de exercício expressivo, e também necessário, de uma psicanalista viva e consonante ao seu desejo de se manter psicanalista.

Ao iniciar sua conferência *Os psicanalistas também envelhecem*, Maria Cristina Reis Amendoeira pergunta: “Saberá o psicanalista aplicar a capacidade analítica a si mesmo, nesse momento da vida?”. A pergunta nos convoca a acompanhá-la nas reflexões sobre diversos aspectos com os quais o analista precisará lidar no seu envelhecimento.

Guillermo Julio Montero comenta a apresentação de Maria Cristina em *No início do envelhecimento*, trazendo o conceito de “maturescência”, fenômeno psicológico que ocorre em torno do climatério masculino e feminino e que exige trabalho psíquico para que possa se iniciar um “autêntico envelhecimento”.

A conferência *A mente do analista* de Luís Claudio Figueiredo visita alguns de seus trabalhos que já revelavam o seu interesse pelo tema. O autor parte da premissa de que a mente do analista é a condição essencial para que o trabalho psicanalítico se desenvolva, pois tudo o que pensamos sobre o inconsciente depende de uma mente de analista já estar funcionando.

Luiz Fernando Gallego, em *O psicanalista no cinema – algumas resenhas*, nos conduz generosamente por um percurso que nos possibilita conhecer como o psicanalista é retratado ao longo da história da sétima arte.

Em *Psicanálise e literatura* contamos com a resenha do livro *Um psicanalista no divã*, de J.-D. Nasio, elaborada por Ruth Naidin. Em formato de

perguntas e respostas, diferentes temas são abordados, sendo organizados por Ruth em três tópicos: análise, o mal-estar contemporâneo e ideias lacanianas.

Na seção *Formação em Psicanálise*, mais uma vez estão as conferências da Aula Inaugural do Instituto de Formação da SBPRJ, proferidas em agosto de 2022. A palestra de Luiz Paulo Rouanet, *Iluminismo ou barbárie revisitado*, foi inspirada no texto originalmente escrito por seu pai, Sérgio Paulo Rouanet, ex-ministro da Cultura e amigo da psicanálise, homenageado da noite. A conferência de Sergio Nick foi um verdadeiro passeio pela história da psicanálise, partindo da fundação da IPA até os dias de hoje, dos pioneiros aos autores da contemporaneidade, um regalo para os alunos que iniciavam com a aula seu percurso na formação.

Na seção *Memória TRIEB*, foi escolhido para republicação o trabalho de Fernando José Barbosa Rocha – *Conheça o analista*. Fazendo um paralelo entre o *setting* cinematográfico e o *setting* psicanalítico, o autor discute o lugar da psicanálise e do analista num texto de uma espantosa atualidade.

Finalizamos, deixando registrado nosso profundo agradecimento a todos os autores e autoras deste número, que, com tintas e nuances, deram forma e colorido ao número, transformando *O Psicanalista* em um retrato de todos para todos nós.

As editoras